

# “QUERO UM AMOR SEM OBRIGAÇÕES” [1]

notas antropológicas sobre um estudo entre poliamantes

Matheus França

Mestrando em Antropologia Social

Universidade de Brasília

Bolsista CNPq

---

Em *O Banquete*, de Platão (1991: 57), Aristófanes, dramaturgo grego, discursa sobre a origem do amor. Conta ele sobre criaturas que outrora habitaram a Terra e que possuíam quatro braços, quatro pernas, duas cabeças. Por punição de Zeus, essas criaturas foram divididas ao meio, dando origem aos humanos como nos conhecemos. Nesse sentido, a concretização do amor só se daria no momento em que o sujeito encontra a sua metade, a outra pessoa que a completa. Por conseguinte, pode-se inferir que, no sentido dado na obra a partir do mito narrado, é somente por meio de duas pessoas que o amor *eros* – nos termos platônicos – teria forma real. Longe de qualquer tentativa de interpretação presentista (Stocking Jr, 1968: 211) do mito, trago esta imagem para ilustrar uma das principais questões da pesquisa que dá origem a este trabalho: a crítica que adeptos/as do “poliamor” realizam com relação à monogamia como orientadora das relações afetivo-amorosas ocidentais. A ideia central entre minhas e meus interlocutoras/es é de que “é possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo” e inclusive estabelecer uma relação amorosa entre três pessoas ou mais. Nesse sentido, meu objetivo neste artigo é apresentar o trabalho que venho desenvolvendo no mestrado. Trata-se de uma pesquisa sobre o poliamor, que em linhas gerais é descrito por suas/seus adeptas/os como uma perspectiva de relação que não se pauta na monogamia e que tem como centralidade a rejeição ao sentimento do ciúme como válido para a vivência de relações amorosas. Muito embora tal definição não seja estanque, ainda que para enunciá-la eu esteja pautado em falas que frequentemente escuto em campo. Voltarei a essa discussão mais à frente.

A partir do método etnográfico, realizo trabalho de campo desde setembro de 2014 na cidade de Brasília/DF, local onde essa discussão está efervescendo a partir da formação de uma rede de sujeitos a partir do grupo *Poliamor Brasília – DF*, constituído inicialmente a partir do site *Facebook*<sup>[2]</sup>, mas que tem extrapolado os ambientes virtuais a partir dos então chamados “poliencontros”. A criação do grupo virtual data do mês de julho de 2014 e conta hoje, no início de outubro do mesmo ano, com mais de 1.400 membros. Contudo, meu campo de pesquisa tem sido delimitado a partir de uma rede de sujeitos que participam mais efetivamente do grupo, inclusive

participando ativamente dos encontros presenciais, contabilizando um núcleo que varia entre 40 e 50 pessoas. O grupo é heterogêneo e reúne sobretudo pessoas com idade entre 18 e 30 anos, universitárias ou com o ensino superior completo e habitantes da cidade de Brasília/DF (considero aqui tanto o Plano Piloto quanto as cidades-satélites). Não há distinção clara de raça/cor, gênero e sexualidade, embora a presença de mulheres seja mais destacada. No que se refere mais especificamente à sexualidade, há uma profusão de categorias enunciadas nas rodas de apresentação dos poliencontros, tais como: “heterossexual”, “gay”, “lésbica”, “sapatão”, “bissexual”, “pansexual”, “pessoa livre”. Pretendo, a partir da etnografia, explorar tanto os discursos quanto aspectos mais ligados às emoções e às afetividades de “poliamantes” sobre dinâmicas de negociação dos sentimentos em relações de poliamor, bem como adentrar em trajetórias de vida relacionadas a este aspecto da vivência dos sujeitos.

Embora poliamor seja uma expressão que costuma caracterizar um tipo de relacionamento que possibilita o estabelecimento de mais de uma relação afetivo-amorosa simultânea com o consentimento de todos os sujeitos envolvidos (Pilão, 2013: 62), tenho percebido em campo que não existe uma definição exata, se se partir da perspectiva destes sujeitos: há divergências, por exemplo, sobre se o poliamor se dá somente quando se estabelece uma relação estável entre três pessoas ou mais, ou se é possível dizer que uma relação entre duas pessoas também é poliamorosa a partir do momento em que ambas estão dispostas a trazer uma terceira para o relacionamento. Além disso, muitas/os de minhas e meus interlocutoras/es consideram que a pessoa pode ser poliamorosa mesmo estando solteira – caso se proponha a estabelecer relações amorosas não-monogâmicas e sem a presença do ciúme. De qualquer maneira, a preocupação com definições tem aparecido mais para diferenciar o poliamor de outras formas de relações não monogâmicas – tais como amor livre, relações livres, relacionamentos abertos etc, que possuem diversas distinções entre si. Esse, contudo, é outro ponto de debate, que não desenvolverei no momento<sup>[3]</sup>.

Entendo que essa forma de relacionamento está ligada a um gosto ou estilo de vida (Bourdieu, 2007: 56) que de alguma maneira desafia as normas e convenções de conjugalidade ocidentais e de constituição da noção de família,

pautadas no modelo tradicional monogâmico-nuclear. Além disso, concordo com Foucault (1977: 23) quando diz que o poder se dá a partir de discursos que instauram verdades sobre a subjetividade dos sujeitos a partir de construções localizadas histórica e culturalmente. No que tange ao poliamor, a proposta parece ser a de ir contra verdades sobre como se deve amar e/ou estabelecer relações amorosas, ou seja, almejam construir novas possibilidades de afeto, para além da monogamia e do sentimento de posse. Com efeito, parece ser central também a demanda de viver afetividades que sejam “sem obrigações”, para retomar a frase que abre o título deste artigo.<sup>[4]</sup> A obrigação, neste caso, parece ter a ver com a monogamia enquanto parâmetro ideal e normativo de relacionamento, embora seja plausível questionar sobre se o poliamor está realmente livre de qualquer obrigação.

Nesse sentido, para além da definição do poliamor, tenho percebido – a partir de observações livres realizadas entre março e agosto de 2014 (e em trabalho de campo desde setembro) em grupos virtuais de poliamor de outros estados, como Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo – que no centro desse debate reside não só a problemática do poliamor enquanto um arranjo afetivo-conjugal e/ou de parentesco potencialmente subversivo, mas também, e sobretudo eu diria, a dimensão moral dessas relações. Perguntas como “é possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo?”, ou “é possível estar em uma relação com duas pessoas e evitar o ciúmes?”, ou mesmo a reiteração de falas (que surgem o tempo todo em conversas informais e em debates promovidos pelos grupos) como “o poliamor não é só putaria” revelam tensões ligadas diretamente a aspectos morais dos sujeitos. Por isso mesmo, o desafio aqui é o de justamente questionar não somente o *status* puramente biológico de sentimentos como, por exemplo, o ciúme – levantado enquanto algo possível de não ser sentido, do ponto de vista de poliamantes –, mas também de perceber etnograficamente como os sujeitos de pesquisa mobilizam emoções para a construção de significados sobre relacionamentos.

Por isso, a proposta é a de dialogar também com uma bibliografia mais ligada ao campo da antropologia das emoções, levando em conta que essa dimensão da subjetividade é constantemente acionada por minhas e meus interlocutoras/es para mobilizar suas participações no grupo do poliamor. Falar

de sentimentos como (poli)amor e ciúmes é, portanto, falar também em emoções. No caso brasileiro, chama a atenção a profícua produção antropológica sobre emoções ligadas a questões como o luto, o sofrimento, o medo e o sentimento de insegurança (Koury, 2005: 240), e a relativa ausência da temática do ciúme e do amor enquanto objeto de pesquisa antropológica. Mauro Koury (2005), em seu levantamento sobre este campo de estudos no Brasil, nem mesmo menciona pesquisas relacionadas a estes sentimentos. Dessa maneira, uma das intenções desta pesquisa é também colaborar para o debate em antropologia das emoções no Brasil no que diz respeito ao amor enquanto possível de ser interpretado antropologicamente.

Nesse sentido, levanto alguns questionamentos: como se dá a produção de diferenças no âmbito do poliamor em relação aos marcadores sociais que mencionei no início do texto? Quais discursos são mobilizados para que o poliamor se efetive enquanto modalidade de relação amorosa? Pilão (2012: 84) dá algumas pistas para compreender tais questões a partir de estudo no Rio de Janeiro em termos de gênero e conjugalidade. A pesquisa que tenho realizado vem, portanto, adensar este debate e registrar como se constroem redes de sujeitos poliamantes em Brasília/DF. E, a partir de tais redes, pensar questões mais abrangentes sobre relacionamentos amorosos e emoções na contemporaneidade.

150

### **Referências Bibliográficas**

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. Porto Alegre/RS: Editora ZOUK, 2007.

FOUCAULT, Michel. 1977. *A História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

KOURY, Mauro. 2005. "A Antropologia das Emoções no Brasil". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 3(12): 239-252.

PILÃO, Antônio. 2012. *Poliamor: um estudo sobre conjugalidade, identidade e gênero* Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. 2013. "Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias". *Revista Ártemis*, 13 (jan-jul): 62-71.

PLATÃO. 1991. *O Banquete*. São Paulo: Nova Cultural.

STOCKING JR, George. 1968. "On the limits of presentism and historicism in the historiography of the behavioral sciences". In: STOCKING, George. *Race, Culture and Evolution*. New York: The Free Press.

Matheus França

Mestrando em Antropologia Social

Universidade de Brasília

Bolsista CNPq

Currículo Lattes

151

---

[1] Nesta escrita, expressões êmicas serão apresentadas com aspas somente quando aparecerem pela primeira vez, em nome de uma leitura mais fluida.

[2] Rede social virtual criada em 2004 por meio da qual se cria perfis *on-line* e a partir deles adiciona-se amigas/os, conhecidas/os. Há, inclusive, o recurso de criação de grupos nos quais é possível a troca de informações e mensagens relacionados a interesses em comum das/os participantes.

[3] Conferir Pilão (2012:59).

[4] A frase que dá origem a este título encontra-se na foto principal do grupo *Poliamor Brasília – DF*, no site *Facebook*.